

ENSAIO

O HOMOSSEXUALISMO E A MILITÂNCIA REVOLUCIONÁRIA

Amílcar Baiardi*

Resumo: O presente artigo tenta focalizar as reações e os preconceitos que existiram no âmbito das organizações revolucionárias no Brasil, no que concerne ao homossexualismo entre militantes. Durante o período da ditadura militar (1964-1984) essa militância envolvia riscos e expunha os quadros organizacionais a prisões e torturas, muitas vezes seguidas de assassinatos. A partir de um approach tipicamente machista, havia a crença que homossexuais não teriam "fibra" ou nível ideológico para resistir a essas ameaças. No máximo admitia-se que homossexuais fossem simpatizantes, mas não militantes. O homossexualismo sempre foi um tabu para a esquerda tradicional. Governos stalinistas e dirigentes de esquerda com corte autoritário chegaram a discriminar, reprimir e criminalizar o homossexualismo. Devido a forte influência do movimento comunista internacional sobre o pensamento da esquerda brasileira, os preconceitos em relação ao homossexualismo foram absorvidos pelas organizações revolucionárias. O presente texto busca detectar causas históricas desse preconceito no episódio do comportamento de Garcia Lorca frente à morte e traz como contraponto o exemplo de Hebert Daniel, certamente um dos mais valorosos combatentes da luta armada no Brasil, que era homossexual.

Palavras-Chave: homossexualismo, militância revolucionária, preconceitos

Abstract: The present article intends to focus on the reactions and the prejudices that have existed within the revolutionary organizations in Brazil, concerning homosexuality among their members. During the period of the military dictatorship (1964-1984), the revolutionary militancy (praxis) involved risks and it exposed their members to high risks of being arrested, tortured and, sometimes, also killed. From a macho standpoint, it was believed that homosexuals would not be either hard enough nor have an ideological level to resist to those threats. At the most it was admitted that homosexuals could be admirers, but not militants. The homosexuality has always been a taboo to traditional left. Stalinists governments, and even authoritarian leftist rulers, repressed, discriminated and even criminalized homosexuals. Due to strong influence of the international communist movement on the thought of the Brazilian left, these prejudices were settled in the revolutionary organizations. This paper seeks to detect a historical cause of the prejudice in the episode of Garcia Lorca's behavior face to death and it brings, as a counterbalance, Hebert Daniel's case, certainly one of the more valiant fighters of the Brazilian guerillas, who was homosexual.

Keywords: homosexuality, revolutionary militancy, prejudices

* Professor titular da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, e ex-militante da resistência armada à ditadura militar no Brasil.

Introdução

O homossexualismo jamais foi abordado sob qualquer enfoque pelos clássicos do marxismo, embora não se deva dizer o mesmo da esquerda moderna¹. Era como se este comportamento, ou esta forma minoritária e diferente de amar, não existisse ou que fosse uma manifestação da “decadência burguesa”. Neste particular, a visão marxista tradicional pós-Lênin se diferencia muito pouco daquela mais conservadora em termos de costume, como a assumida por dirigentes islâmicos.

Embora os marxistas quase sempre estivessem na linha de frente nas conquistas históricas sociais, econômicas e democráticas, nesse tema, o denominado de “opressões específicas”, os posicionamentos nem sempre foram claros e, em alguns casos levaram a retrocessos. Na construção da Constituição do primeiro Estado socialista, os bolcheviques mostraram, de maneira inequívoca, sua posição em relação às mulheres e à sexualidade. Um dos primeiros atos da revolução foi acabar com toda a distinção jurídica entre homens e mulheres. As mulheres podiam não só votar, mas empunhar armas na defesa do Estado proletário. Do mesmo modo conquistaram o direito ao aborto e ao divórcio, entre outros. No concernente à homossexualidade, o Estado, por meio da constituição soviética, se posicionava da seguinte forma:

Declara a absoluta não interferência do Estado e da Sociedade nos assuntos sexuais, sempre que não lese a pessoa alguma e não prejudique interesses de ninguém [...] A respeito da homossexualidade, sodomia e outras várias formas de gratificação sexual, que na legislação européia são qualificadas de ofensas à moral pública, a legislação soviética as considera exatamente igual que qualquer outra forma da chamada relação “natural” [aspas do autor]. Qualquer forma de relacionamento sexual é um assunto privado. Somente quando se emprega a força ou coação e geralmente quando se ferem ou lesem os direitos de outra pessoa, existe motivo de perseguição criminal (LUTA REVOLUCIONÁRIA, 2008).

Entretanto, com o tempo e com a tirania implantada no período stalinista, estas conquistas foram sendo suprimidas, tanto no que se refere aos direitos das mulheres, quanto ao homossexualismo. Para alguns (LUTA REVOLUCIONÁRIA, 2008), quanto mais se degenerava o Estado soviético, mais conservadora se tornava a legislação a esse respeito, chegando em 1971 à seguinte fórmula: “*Homossexualidade é uma perversão sexual consistente em uma atração antinatural entre pessoas do mesmo sexo*”.

Quanto mais a burocracia se fortalecia, em detrimento da revolução, mais o controle “moral/sexual” retornava às velhas bases pré-revolucionárias, deixando, como aconteceu no auge da revolução, a homossexualidade de ser vista como uma questão de cunho meramente pessoal, não sujeita à intervenção do Estado. Embora em termos jurídicos a primeira redação da constituição soviética poder ser vista o como um avanço que garantia o direito do cidadão, convém lembrar que a teoria marxista, em geral, era omissa nessa questão (LUTA REVOLUCIONÁRIA, 2008).

No período da Guerra Fria os dirigentes de países do socialismo real desconheciam, ou fingiam desconhecer, a questão do homossexualismo ou tinham, como em Cuba, um entendimento que se tratava de uma disfunção social que deveria merecer intervenção do Estado no sentido de busca da “cura”.

Quando se compara este histórico com o posicionamento de Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Iran, em recente conferência para estudantes norte-americanos, constata-se que as diferenças praticamente inexistem. Na sua fala, Ahmadinejad comunicou aos presentes – quando instado a se pronunciar sobre o tema do homossexualismo e a perseguição a homossexuais no Iran - que este não era um problema de seu país e nem de seu governo, uma vez que inexistia a prática deste comportamento entre iranianos de ambos os sexos.

O caso de Garcia Lorca e um dos fundamentos da discriminação

Setenta e dois anos da data do assassinato de Federico Garcia Lorca – perda irreparável para o

mundo da cultura e cujo destino foi aquele que sempre esteve cogitado por quem integrou à resistência armada à ditadura militar no Brasil - considera-se, como parte do balanço do significado de 1968, ser necessário refletir sobre o contexto em que o mesmo ocorreu, sobre as razões da sua execução e sobre o que se propala, como os últimos momentos de Lorca.

A razão principal desta abordagem está na necessidade de qualificar e relativizar a crença, em realidade não comprovada definitivamente, de que Lorca teria pedido clemência a seus algozes para não ser vítima de execução sumária. A este comportamento dos momentos finais de Federico, um julgamento apressado, primário e ultrapassado da esquerda sectária, atribuía como causa uma fraqueza ideológica, agravada por sua condição homossexual. Nesta simplificação grosseira, abstrai-se e esquece-se que as preferências sexuais não têm relação direta com a conduta diante da tortura e da morte, embora seja sabido que prisioneiros homossexuais e judeus, em geral, desencadeiam um furor maior nos torturadores e assassinos de cultura latina, que se excedem, nesses casos em humilhações e perversidades.

O primeiro esclarecimento que necessita ser feito no caso deste juízo por parte da esquerda sectária e ultrapassada, é que Lorca não era militante político revolucionário e, ao que se saiba, não era marxista, não era anarquista e nem menos se propunha a ser mártir da causa da República Espanhola. O fato de ter sido alvo da sanha da direita fascista se explica porque no pensamento conservador espanhol misturava-se, eram vistos como uma coisa só, o comunismo, a arte de vanguarda e a crítica à Espanha tradicional e católica. Somente assim se pode entender a indignada recepção que teve nos círculos reacionários a peça de Garcia Lorca, *Yerma*, de 1934, sendo tachada de imoral, blasfematória, anticatólica e anti-realista. Sua trilogia teatral – *Bodas de Sangre*, *Yerma* e *La Casa de Bernarda Alba* – revelou um cenário desalentador dos costumes da Espanha tradicional. Preconceito, vingança, fanatismo, machismo, tirania materna e padecimentos femininos, denunciavam o esclerosamento social e a sobrevivência, em pleno século XX, de um arcaico código de honra que paralisava e infelicitava o país.

Malgrado sua crítica aos costumes e valores da Espanha da época, Lorca manteve-se distante da militância, mas não escondia seu interesse pelas causas sociais e sua simpatia pela esquerda. Durante sua visita a Cuba em 1930, ele deu uma idéia de até onde iria seu engajamento com a política: “Neste mundo eu sempre sou e serei partidário dos pobres. Eu sempre serei partidário dos que não têm nada e até a tranqüilidade do nada se lhes é negada”.

Em fevereiro de 1936 Lorca envolveu-se como signatário de um manifesto de intelectuais pró-Frente Popular, no qual se lia:

Todos sentimos a obrigação de unir nossa simpatia e nossa esperança ao que se dúvida constitui a aspiração da maioria do povo espanhol: a necessidade de um regime de liberdade e de democracia, cuja ausência se faz sentir lamentavelmente há anos na vida espanhola.

Provavelmente este tenha sido o gesto mais politizado de Lorca, embora haja registros de que tenha comparecido a atos políticos e tenha sido homenageado pelos sindicatos dos trabalhadores da indústria. Comprometeu-o ainda mais diante da direita golpista, uma sua declaração em uma conferência na qual disse que se a força dos acontecimentos o obrigasse a ter que optar, preferia perder seu direito de fazer versos desde que a justiça social fosse implantada. Foi o que bastou para despertar a ira da direita e ser identificado com a “*Republica de Trabajadores*”, que sucedera ao colapso da monarquia de Afonso XIII, em 1931.

Na linha de sua progressiva estigmatização pela direita espanhola, Lorca publicou o poema *La Balada de la Guardia Civil*, a temida tropa repressora criada no século XIX para combater bandidos e que se tornara um braço armado da reação. O poeta viu-a com os olhos dos ciganos, dos marginalizados, dos perseguidos em geral. Retratou-a integrada por cavaleiros da morte que, sorumbáticos, implacáveis e desumanos, assumiam uma expressão de chumbo (*de plomo las calaveras*). *La Guardia Civil* era uma

imagem viva do arbítrio e da injustiça do cotidiano espanhol daquela época².

O fato de Federico ter trabalhado para a Segunda República como um divulgador cultural, encarregado de promover o teatro no mundo rural com sua trupe da *La Barca*, não seria razão suficiente para sua prisão e, muito menos, para seu assassinato. Isto fica bastante claro nas palavras do autor material dos feitos, o latifundiário falangista Juan Luis Trescastro, que diria mais tarde: “Acabamos de matar a Federico García Lorca. Yo le metí dos tiros en el culo por maricón”.

Tudo tem início a partir da eclosão da Guerra Civil, em 18 de julho de 1936, quando Lorca, inocentemente, pensou que, saindo de Madri e refugiando-se na sua nativa Granada (nascera em um lugarejo próximo, chamado Fuente Vaqueros, em 1898), estaria mais protegido, cercado de parentes e de amigos. Calculou que ali não o molestariam. Uma semana depois de sua presença em Granada, Federico percebe dois desconhecidos rondando o portão da casa onde se encontrava e fica assustado. Ao meio dia da mesma data, recebe uma carta anônima que o ameaça de morte. Às cinco horas voltam os indivíduos a rondar a casa e ele resolve partir. Sair da cidade foi impossível, pois os paramilitares organizados pela direita guardavam todas as saídas. Lorca decide então pedir ajuda ao amigo falangista, Rosales, que é “camisa velha”, ou seja, antigo no partido, refugiando-se na casa deste, conhecida como Casa de Huerta de San Vicente. Na madrugada do dia seguinte, já 19 de agosto de 1936, pára na porta um automóvel. Ao ouvir a campanha Federico não teve dúvida de que se tratava de seus algozes e tenta escapar subindo para o sótão e de lá passando ao telhado, quando percebeu que estava encurralado, pois a casa era cercada por um jardim. Chefiados por Ramón Ruiz Alonso, um ex-deputado católico, e no momento chefe da famigerada “Esquadra Negra”, os “esquadristas”, entre eles Juan Luis Trescastro, marido de uma prima distante do pai do poeta, prendem e levam Federico num carro até uma casa chamada “Colina” na aldeia de Vaznar. Para este endereço eram levados grupos de prisioneiros que, após se confessarem a um padre falangista, eram conduzidos a um barranco situado nas proximidades do “caminho de La Fuente”, - que margeava um rio eternamente seco e por onde se chegava até a “Fuente Grande”, em árabe “Fonte de Lágrimas” - no qual, sem qualquer processo ou simulacro de julgamento, eram fuzilados.

Quinze anos antes, no poema premonitório *Lamentación de la Muerte*, Lorca registrou: “Vim com os olhos a este mundo e me vou sem eles”. De fato, antes de assassiná-lo, atirando nele pelas costas à altura do baixo ventre, vendaram-lhe a vista. Mataram-no daquele modo porque Lorca era homossexual. Ele mal completara 38 anos.

Quando a notícia do desaparecimento e da execução de Lorca chegou a Madri, no final de agosto de 1936, seus amigos de imediato pensaram-na como obra da Guarda Civil. Mas não foi assim. Ao contrário, nenhuma tropa regular se envolveu e os militares já haviam alertado aos falangistas que, por eles, Lorca deveria ser posto em liberdade.

Na medida em que não pertencia à esquerda organizada, não se propunha a defender com armas a causa republicana e não tinha informações para dar aos fascistas, Lorca tinha todo o direito de lutar pela sua vida, sobretudo porque desconfiava que não existiria uma segunda chance para quem a perdesse. Demais, Lorca amava a vida e sua obra poética e teatral, é a maior demonstração disto, razão pela qual foi absolutamente legítimo, se é que houve, um pedido de clemência em nome da humanidade, já que ele não detinha informações sobre as organizações revolucionárias que combatiam o Falangismo. Se Lorca desejasse pegar em armas, não deveria ter deixado Madrid ou, em Granada, teria se juntado às “Brigadas Granadinas”, formadas por trabalhadores da periferia. Entretanto, ao que tudo indica, ele não cogitava agir violentamente, por mais justa que fosse a causa.

3

Seu assassinato foi utilizado politicamente pela esquerda para, diante da opinião pública mundial, angariar simpatia de intelectuais para integrarem as Brigadas Internacionais. Entretanto, àquela época, sempre se tentou esconder a homossexualidade de Lorca, já que um mártir de esquerda não podia ser homossexual. No micro contexto de sua morte, obviamente contou o fato de sua obra incomodar os falangistas, mas em termos de resultado, foi uma espécie de “tiro no pé”. Federico não era um dirigente político e nem militar, suas palavras incomodavam menos e não tinham o peso das de Miguel de

Unamuno e os franquistas teriam lucrado mais o mantendo vivo. Enfim, a razão política não foi a determinante de última instância no assassinato de Lorca, embora sua morte tenha se tornado possível porque, à falange, tudo era permitido e a impunidade era uma certeza.

Lorca foi assassinado por inveja e por ódio à diversidade sexual, por homofobia. Conta-se que Goebbels dizia que lhe dava vontade de sacar a pistola sempre que ouvia falar em intelectuais. É inequívoco que os intelectuais gerem ódio, principalmente entre aqueles que em algum momento pressentem ou supõem que foram preteridos por eles. É uma inveja mórbida por alguém que tem uma forma de poder que nem sempre está ao alcance do dinheiro ou da política. Lorca, além de despertar a inveja pelo brilhantismo que tinha em idade tão jovem, também representava uma ameaça para uma ideologia que proclamava a supremacia masculina e o culto de atitudes machistas, sem cogitar de uma outra ameaça que é aquela que provavelmente leva à violência contra homossexuais, a que se coloca no plano do inconsciente, a de supor que existe um risco de contágio, principalmente da juventude, ao se ser tolerante com o homossexualismo⁴.

Um recente filme no formato de documentário dirigido por Ruiz Barrachina e intitulado *Lorca, El Mar Deja de Moverse*, levanta a hipótese de que aproveitando-se do clima de radicalização e de guerra civil, determinados familiares de Lorca convenceram os fascistas a assassiná-lo. Teriam sido seus primos da família Roldán quem instigaram a detenção e o assassinato de Federico, visto que, desde o século XIX, as famílias García Rodríguez (do pai do poeta), Roldán e Alba dominavam a Vega de Granada, região onde Lorca nasceu em 1898, e lá mantinham velhas divergências. Entre as origens dos desentendimentos familiares estão distribuições de terras compradas em sociedade, a homofobia e as diferentes tendências e ambições políticas nos alvares da Guerra Civil espanhola (1936-1939), já que os Lorca eram republicanos e os Roldán partidários do movimento conservador Ação Popular. Tais circunstâncias, ressentimentos familiares, se agravaram quando García Lorca publicou em 1936 *A casa de Bernarda Alba*, obra na qual o poeta aludiria a problemas familiares. Segundo o referido filme, após o golpe de Estado de Franco, o governador militar de Granada encarregou os Roldán da formação de “Esquadras Negras” para dizimar opositores na região, e os primos de García Lorca aproveitaram a circunstância para conspirar contra a vida do poeta. O documentário também considera que a homofobia no ambiente político foi uma das causas da morte do autor de “Poeta em Nova York”, segundo seu diretor, Ruiz Barrachina (2008).

Ao perceber que sua morte nada significaria em termos estratégicos para a direita fascista em uma guerra recém iniciada e que não era uma morte por ele desejada, uma vez que aos 38 anos estava longe daquilo que Norberto Bobbio chama de *taedium vitae* e *cupio dissolvi*, sensações de desejar a morte e de não existir mais, Federico pediu clemência aos seus algozes, seus conterrâneos de Granada, cidade à qual tanto dera, sendo alguns deles, provavelmente, seus parentes distantes. Para ele sua morte não fazia sentido e só deporia contra quem a executasse.

Nada mais legítimo tentar uma última cartada na forma de clemência para quem sabia que para sua causa, a da crítica às desigualdades, às injustiças, ao atraso e aos preconceitos, valeria muito mais continuar vivo.

Sobre o que Lorca sentiu nos seus momentos finais, veja-se o que diz Vinicius de Moraes:

Assim vi a Federico
Entre dois canos de arma
A fitar-me estranhamente
Como querendo falar-me
Hoje sei que teve medo
Diante do inesperado
E foi maior seu martírio
Do que a tortura da carne.
Hoje sei que teve medo
Mas sei que não foi covarde

Pela curiosa maneira
Com que de longe me olhava
Como quem me diz: a morte
É sempre desagradável
Mas antes morrer ciente
Do que viver enganado.

Vinicius de Moraes⁵

O caso de Herbert Daniel e o absurdo do preconceito

Hebert era seu verdadeiro nome, de pia batismal e registro. Daniel era o nome de guerra, codinome, como chamava a “repressão”, que ele adotou quando reassumiu sua identidade. Sua militância revolucionária tem início quando era estudante de medicina na UFMG. Tinha aparência frágil e por isso foi dispensado do exército (regular, como ele esclarece) por insuficiência física (miopia? pé-chato?).

Quando estudante foi crítico de cinema no rádio Belô e autor de teatro estudantil. Em política estudantil foi vice-presidente do DCE da UFMG. Sua militância clandestina se deu, sucessivamente, na Política Operária, Polop, no Comando de Libertação Nacional, Colina, na Vanguarda Armada Revolucionária, Var-Palmares e na Vanguarda Popular Revolucionária VPR, as mesmas organizações das quais foi militante o autor deste texto. Viveu entre Rio, São Paulo e Belo Horizonte na clandestinidade durante cinco anos, de 1969 a 1974, sem nunca ter sido preso. Foi dirigente da Colina, Var-Palmares e VPR e comandou ou participou de inúmeras ações de “expropriação bancária”, de apropriação de veículos, de atos de sabotagem, de guerrilha rural no Vale do Ribeira e de dois seqüestros de embaixador.

Embora declare que não se via como um heterossexual desde a adolescência, somente após os 29 anos é que se assumiu plenamente como homossexual. No período de militância e clandestinidade, reprimiu sua homossexualidade, em nome da missão que assumira e por razões de segurança. Esta conduta assexuada se estende até 1973. Somente após o desmoronamento da VPR em 1971 e após frustrarem-se completamente as possibilidades de re-estruturação de organizações revolucionárias em 1972, ano no qual sobrevivera escondendo-se erratically e de biscates, é que decide por uma mudança radical no comportamento homo-afetivo. Juntamente com um companheiro de organização chamado Cláudio, que lhe acompanhara nesta permanente fuga dos órgãos de repressão desde o fim de 1971, decide, no início de 1973, segundo suas próprias palavras “inventar um degredo a dois”, discutir a opção sexual de ambos e passarem a ter relações homossexuais.

Em setembro de 1974 consegue, em companhia de Cláudio, transpor a fronteira do Brasil com a Argentina, dando início a um exílio externo. Isto porque, segundo ele, no interno já se encontrava desde 1972. Inicia assim uma outra fase da vida que finalizaria com sua volta ao Brasil em 1982, quando consegue a permissão do governo brasileiro para retornar.

No exterior fez de tudo para sobreviver honestamente, trabalhando como garçom, massagista, jornalista, caixa, gerente, porteiro de saunas, “leão de chácara” e dançarino, inclusive. Regressando ao Brasil revela-se como escritor, participa da fundação do Partido Verde, milita em causas humanitárias e contra a discriminação de homossexuais. Descobrimo-se com Aids em 1986, Hebert Daniel define esta fase da vida como o terceiro exílio, que finaliza com sua morte em decorrência da enfermidade, menos de dois anos depois.

Hebert Daniel foi um revolucionário exemplar, pondo a causa que abraçara acima de qualquer apelo pessoal. Destacou-se pela bravura e pela serenidade com a qual se envolveu em inúmeras ações armadas, muitas das quais implicaram em combate e necessidade de “furar o cerco”. Não conheceu o medo, ou se conheceu não deixou transparecer. Poucos, muito poucos, heterossexuais,

estariam à sua altura como revolucionários. Tive a honra de conhecê-lo, em 1969, quando, em uma etapa de expansão nacional do Comando de Libertação Nacional, Colina, veio à Bahia avaliar a possibilidade de se iniciar ações armadas no estado.

Considerações finais

Coragem, determinação nada tem a ver com escolha sexual e Madame Satã, famoso homossexual que enfrentava a polícia nos anos quarenta e cinquenta do século passado no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, já havia provado isso. Durante o golpe de Estado de 1964 em Salvador, ocorreu a invasão da residência universitária com conseqüente prisão de cerca de cem estudantes, que foram levados para o 19º Batalhão de Caçadores. A este grupo juntaram-se outros que foram presos em suas residências. Uma semana depois se deu início aos interrogatórios que, em alguns casos, foram seguidos de espancamento. Eles aconteciam quando os interrogados negavam evidência de envolvimento e se recusavam a assinar documentos comprometedores. Dentre esses estudantes o que mais sofreu pressões e espancamento foi um universitário de direito e de ciências sociais José Luis Pamponet Sampaio, que era homossexual. Não obstante o que passou, Pamponet deu exemplo de coragem, não confessou nada e nem menos assinou nada comprometedor, encorajando os demais colegas a agirem da mesma forma.

A ser verdadeira a tese de que a condição de homossexual estaria dada pela hereditariedade, seria um *permanent trait*, segundo Dean Hamer, na grande loteria com milhões de possibilidades que é a composição genética com base na união de gametas paternos e maternos, o gene responsável pela atração sexual pelo semelhante, pelo mesmo sexo, o chamado gene *gay*, poderia estar associado com outros tantos que responderiam por infinitos outros atributos, passíveis de serem valorados como positivos ou negativos pelas convenções. Destarte, a condição de homossexualidade, dando-se crédito a uma determinação genética, pode estar associada ou não com outros genes responsáveis por maior inteligência, maior equilíbrio, maior caráter, maior generosidade, maior coragem, etc.⁷ Então, não há qualquer base científica, comportamental ou de outra natureza nos preconceitos e nas crenças homofóbicas difundidos no interior dos movimentos revolucionários de cunho marxista que participaram da resistência armada à ditadura militar no Brasil.

Notas

¹ Teóricos marxistas como Erich Fromm e Herbert Marcuse (1963 e 1974) falaram do sexo como uma convenção ou se referiram à opressão sexual da civilização judaico-cristã, que resultou em uma sociedade “polimorficamente perversa”. Os mesmos defenderam a tese de que os preceitos relativos à moral sexual são formas de opressão realizadas pela religião, pela civilização ocidental, judaico-cristã e que tal como o proletariado, os homossexuais seriam vítimas da sociedade.

² BEEVOR, A. *A batalha pela Espanha*. São Paulo: Record, 2007.

³ GIBSON, I. *El asesinato de Garcia Lorca*. Madrid: Punto de Lectura, 2005.

⁴ GIBSON, I; BEEVOR, A. *op. cit.*

⁵ MORAES, V. *A nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶ DANIEL, H. *A passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Pasquim/ Codecri, 1982.

⁷ PRACONTAL, M. *A impostura científica em dez lições*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Referências bibliográficas

1) Livros

BEEVOR, A. *A batalha pela Espanha*. São Paulo: Record, 2007.

CÍCERO, A. e FERRAZ, E. *A nova antologia poética de Vinicius de Moraes*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

O HOMOSSEXUALISMO E A MILITÂNCIA REVOLUCIONÁRIA

DANIEL, H. *A passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Pasquim/Codecri, 1982.

DANIEL, H e MICCOLLIS, L. *Jacarés e lobisomens*. Rio de Janeiro: Achiamé Succi, 1983.

FROM, E. *The dogma of Christ and other essays on religion, psychology and culture*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1963.

GIBSON, I. *El asesinato de Garcia Lorca*. Madrid: Punto de Lectura, 2005.

MARCUSE, H. *Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud*. Boston: Beacon, 1974.

MORAES, V. *A nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRACONTAL, M. *A impostura científica em dez lições*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

2) Sites

www.lutasrevolucionarias.org.br/opressoes/opressoesmarxistas. Acesso em 07 de setembro de 2008.

Entrevista com Ruiz Barrachina diretor do filme *Lorca, el mar deja de moverse* no www.folha.uol.com.br/fofaha/ilustrada, 07/09/2008.

3) Filme

Mourir à Madrid, 1963.